



Viagem de sonho

Ute e Henry Schwarz de Dresden realizaram aquilo com que muitos apenas sonham: Viajaram durante dois anos com o seu camião em expedição por África.

“Daqui a seis quilómetros, a seguir ao autocarro VW queimado, vira à direita”: à primeira vista esta é uma descrição de trajecto um pouco invulgar. Sobretudo se o trajecto passar por um campo de minas de oito quilómetros, marcado apenas com montinhos de pedras. “Mas estas indicações”, dizem Ute e Henry Schwarz, “têm de ser suficientes, quando viajamos no Sahara.”

Episódios como este, que ocorreram perto da fronteira com Marrocos abundam nas histórias dos alegres viajantes de Dresden. Os dois circundaram todo o continente africano em dois anos, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. A sua rota iniciou-se em Marrocos, ao longo da costa ocidental, até ao ponto mais a Sul da viagem: o lendário Cabo da Boa Esperança na África do Sul. Daí conti-

nuaram em direcção a Norte, ao longo da costa oriental do continente.

Uma vez à volta do continente

Os dois saxões planearam esta viagem de sonho de forma diligente. Por um lado, enquanto empresários trabalharam muito e pensaram duas vezes antes de gastar cada cêntimo. Por outro lado, viajaram pela Austrália, América e China e já conheciam alguns países africanos. Já tinham estado na Namíbia e tinham atravessado Marrocos no ano de 2001 com o seu camião cuja construção ficou a cargo do especialista austríaco Actionmobil, um MAN M2000 14-284 LEAC de tracção total.

Em Março de 2005 chegara a altura: Equipados com uma máquina de filmar, câmaras fotográficas, portátil, uma pilha



de guias e mapas, assim como um complexo software de navegação, o casal Schwarz iniciava a sua grande expedição. Evidentemente com Freddy, como os dois chamam amavelmente o seu camião.

No meio das pessoas

Têm a descontração que distingue os verdadeiros *globetrotters*, como tiveram que demonstrar desde o início da viagem. Dois jovens tentam chegar à motorizada presa com cintas na traseira do camião. Corajosamente os viajantes defendem-se com toda a força contra os intrusos. Os ladrões surpreendidos, desistem das suas intenções e desaparecem.

Porém, tirando algumas exceções como esta, Ute e Henry Schwarz só têm experiências positivas com as pessoas, independentemente do povo ou cultura a que pertençam. E o casal está sempre no centro dos acontecimentos – para estarem o mais próximo possível da população local e para terem um lugar seguro de dormida, pernoitam

no seu veículo principalmente nas aldeias. Como por exemplo na proximidade de Lomé, a capital do Togo “Depois de nos termos apresentado ao chefe da aldeia”, relatam, “fomos recebidos muito amavelmente. A nossa chegada

“Fomos sempre recebidos com muita amabilidade nas aldeias”

tinha-se espalhado como um rastilho de pólvora. Num abrir e fechar de olhos, estávamos rodeados pelos habitantes e, sobretudo, pelas crianças. As pessoas mostraram-nos orgulhosamente a sua aldeia.”

Após algum tempo, estas cenas já fazem parte do quotidiano do casal Schwarz.

Mesmo não havendo verdadeiramente algo “quotidiano”. Pois em viagem cada dia é diferente. Por vezes baloiçam com o camião MAN de dez toneladas sobre pistas não pavimentadas e trilhos para carroças de burros, outras, procuram o >>



Etiópia (à esquerda): Foi possível reparar todos os furos, à exceção de dois pneus que rebentaram.



Botswana (à direita): O casal encontra membros do povo San, um campo na extremidade do deserto de Kalahari.

caminho através do calor de estepes sem fim, por meio de desertos de areia suaves e de pedras escarpadas ou por entre a humidade da floresta tropical. O maior desafio é o período das chuvas, quando a água faz desaparecer a estrada e sobre mais de um metro de altura, quase chegando às portas da cabina.

Quando o piso se transforma em rio

Muitos dos veículos locais não estão preparados para o período das chuvas. Completamente sobrecarregados, com equipamento obsoleto e travões defeituosos são bombas relógio andantes. No Gana, o trajecto do casal passa por um trilho assustador na floresta tropical, que parece um cemitério de automóveis. Dúzias de camiões que já há muito deviam estar na sucata saem da estrada neste local e capotaram. “nunca vimos tantos automóveis acidentados amontoados como nesse local”, conta Ute Schwarz.

Nos Camarões, o piso está tão ensopado que um camião demasiado carregado afundou alguns metros à sua frente, perante os seus olhos. Demora mais de uma hora até a viagem poder prosseguir. Várias vezes, os dois têm de retirar o seu veículo afundado na lama com pás, pedras, madeira ou chapas de metal para voltarem ao seu trajecto. Nessas situações nunca estamos sós em África. Geralmente demora pouco tempo até os primeiros autóctones aparecerem e nos ajudarem nesta tarefa árdua. Ute e Henry Schwarz fazem sempre questão de agradecer com presentes. Os habitantes apreciam sobretudo as roupas da Europa, mas também gostam muito de canivetes e canetas e com pequenos estojos de costura

para as mulheres e bombons para as crianças, ganham-se rapidamente amigos.

África, um mundo enigmático e sedutor

Quem aguentar a fadiga e os perigos da viagem, é mais do que recompensado por África. O casal Schwarz passa quase uma semana no Hoanib Canyon, na Namíbia, um dos maiores do mundo. A região lindíssima e primitiva está completamente desabitada e é a sua dica pessoal secreta. No período que lá permaneceram, só viram dois veículos, mas, em con-

“Com um sprint para o camião, salvamo-nos de um elefante”

trapartida, viram muitos animais. “Foi como no filme ‘África Minha’. Perto de nós passaram amigavelmente girafas e antílopes a pastar. Mesmo os elefantes com os seus bebés deixavam-nos aproximar bastante.”

Porém, na vivência da natureza, o casal não é poupado de situações que colocam a vida em perigo. Na Namíbia, só conseguem salvar-se de um elefante em perseguição com uma corrida de dez metros, provavelmente recorde. Só têm coragem para ir buscar a câmara de filmar que ainda está ligada, depois do elefante se retirar. Mas tal como noutras situações, no final, tudo acaba bem, sem haver dissabores.

Não apenas a natureza mas também as pessoas exercem um grande fascínio sobre ambos, sobretudo com as suas



Malawi (à esquerda): A amabilidade da população de todo o continente conquistou os dois saxões.

Angola (à direita): Quando se está em viagem, nada traz mais proximidade com as pessoas do que dormir no meio da aldeia.





Nos Camarões: Não é necessário esperar muito tempo para se ser socorrido.

tradições e rituais. Em Foumban, uma cidade nos Camarões, Ute e Henry Schwarz são até presenteados com uma honra muito especial. Por um feliz acaso encontram-se na cidade precisamente no dia em que o sultão Ibrahim Mbombo Njuya, o 19º soberano da dinastia Bamoun celebra uma cerimónia pública para a bênção do príncipe. Com muito engenho e insistência obstinada junto de inúmeros responsáveis conseguem efectivamente uma autorização ao mais elevado nível para filmar a cerimónia. Mesmo que o verdadeiro apogeu da dinastia do soberano já tenha sido há alguns anos, a cerimónia torna-se um desfile gigantesco de bailarinos, músicos e cavaleiros. Foi um dos pontos altos da viagem longa e cansativa.

40 países em dois anos

Após um pouco mais de dois anos e três intervalos – um dos quais de cinco meses – a aventura acaba finalmente em Maio de 2007. Na sua expedição rica em acontecimentos, o casal viajou por 40 países, percorreu 66.418 quilómetros e abasteceu 15.866 litros de diesel. Por detrás destes números secos escondem-se experiências inesquecíveis para os dois. Conheceram pessoas dos mais variados povos e culturas e tiveram a oportunidade de observar centenas de animais selvagens no seu habitat natural.

As impressões são tão diversificadas que ambos não querem determinar o que gostaram mais na sua viagem. O silêncio

do deserto? As manadas de animais tão próximas, que quase as podemos agarrar? Os povos fascinantes? Enquanto que Ute e Henry Schwarz ainda estão ocupados em assimilar todas as experiências, já estão a preparar a próxima expedição. Esta irá passar pela Rússia, pelo Estreito de Bering até ao Alasca e daí para todo o continente americano. ■

Informação

Veículos

Camiões de expedições e viagens mundiais

Não é possível comprar camiões de expedição como os de Ute e Henry Schwarz já prontos. Regra geral, os fornecedores apostam num chassis de camião de tracção integral. Nesta área, a MAN é já há muitos anos líder incontestado de mercado com a sua tecnologia fiável e com muitos êxitos no Rally Dakar – os veículos de expedição são parte integrante da família MAN há muitos anos. Um pequeno mas seleccionado grupo de fabricantes individuais de carroçarias, monta estes veículos manualmente conforme os desejos e a carteira do cliente – com componentes seleccionados e comprovadamente duráveis. Para veículos correspondentes a este, a escala de preços começa em cerca de 120.000 euros. Os veículos correntes, habitualmente convertidos em camiões de expedição, eram o L2000 e M2000, mas também os camiões da série pesada que podiam ter até quatro eixos, com a configuração 8x8. Actualmente os viajantes longínquos preferem a gama média da série TGM com 13 ou 18 toneladas e se houver necessidade de espaço, também com cabina dupla. Quando se pretende uma maior abrangência de equipamento recomenda-se o MAN TGS, por motivos de peso.